

NOVEMBRO/2018

VOZ DA COMUNIDADE

PÁG. 8

OLHARES SOBRE OS TRÊS ANOS DO ROMPIMENTO



Foto: Reinaldo Santos

PÁG. 4

PARACATU DE BAIXO APROVA PROJETO URBANÍSTICO

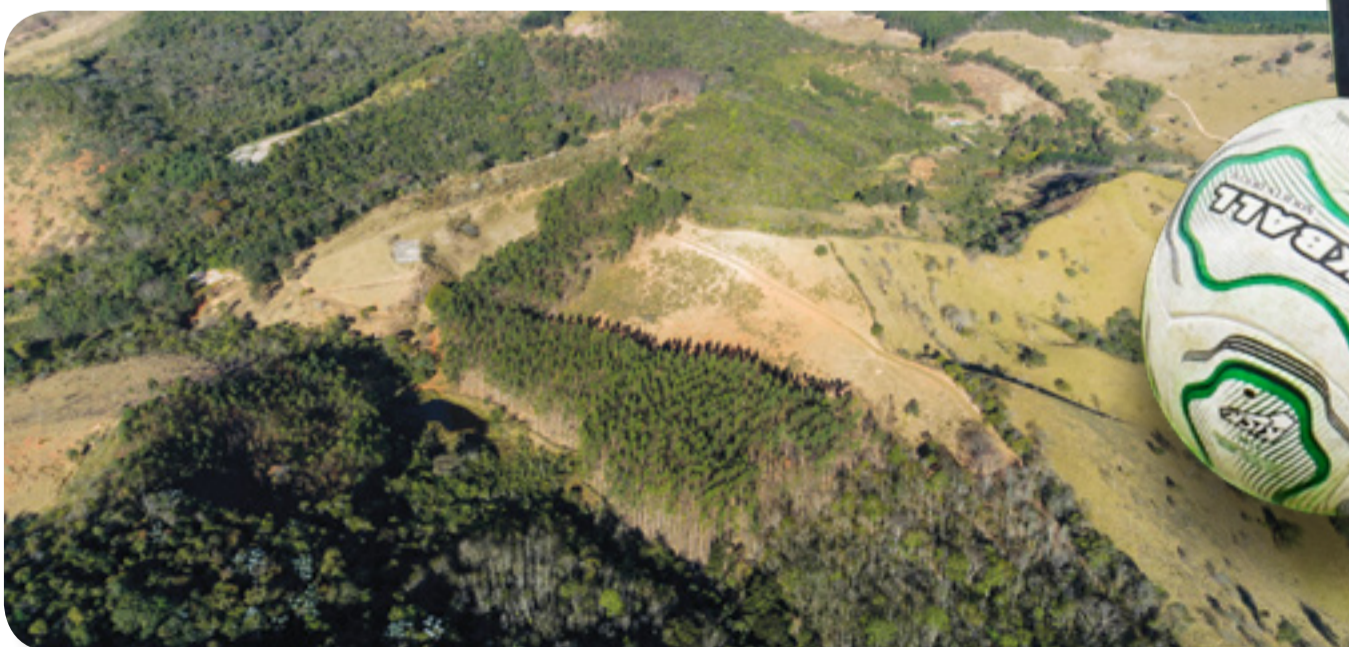


Foto: Fundação Renova

PÁG. 3

JOVENS DE MARIANA PARTICIPAM DE TREINOS DA ESCOLA DO AMÉRICA



Foto: Reinaldo Santos

O CAMINHO DA REPARAÇÃO

Tempo e história andam juntos. É da nossa natureza achar que o tempo é assim: como as histórias, tem início, meio e fim. Mas o que acontece no decorrer da história de cada um? Basta pensar um pouco para ver que, na verdade, o tempo é a gente que faz. Olhar para como ele passa depende do momento que estamos vivendo, da nossa idade, do nosso país e dos acontecimentos que nos rodeiam, tal como o rompimento de Fundão. Tem pessoas que veem o tempo passar como um cometa, outras acham que ele anda a passos de tartaruga.

É como Seu Zezinho Café, que vivia na roça, cuidando da horta cheia de quiabo, abóbora, alface e couve. Depois que a lama passou, ele foi morar num prédio em Mariana, separado dos amigos, distante da terra, numa tristeza danada. Poderia ter escrito sua história nesses três anos depois do rompimento de várias formas. Mas resolveu escrevê-la com coragem. Envolveu-se na luta pela reparação e, em certo momento, lembrou-se de uma terra onde trabalhou durante 25 anos: a Lavoura. Sugeriu o local para sediar o reassentamento de Bento Rodrigues e a ideia foi aprovada.

Nesta edição, você vai conhecer alguns depoimentos de atingidos, como o da Maria do Carmo e do Machadão, de Paracatu de Baixo, e do menino Bryan, de Bento - que hoje vivem em Mariana e que contam de que maneira passaram por esses três anos. São histórias no caminho da reparação.

Um cantor chamado Cazuzza disse que “o tempo não para”. Seu Zezinho escolheu fazer do tempo uma forma de ir jogando pelo caminho o peso das horas para seguir em direção ao sonho de voltar pra casa. Para ele, o tempo não é um cometa e nem uma tartaruga, mas é, com certeza, um jeito de seguir em frente.

Conheça outras histórias no caminho da reparação em www.caminhodareparacao.org.

Fundação Renova

EXPEDIENTE



JORNALISTA RESPONSÁVEL:

JÚNIA CARVALHO - REG. 4247 - MG

REPORTAGEM

JÚNIA CARVALHO & LEANDRO BORTOT

PROJETO EDITORIAL E GRÁFICO:

COLETIVO É!

NUCLEO DE CRIAÇÃO E ARTE:

ZÉU COSCARELLI

BETO GUIMA

MARLON OSSILIERE

PARTICIPE DO GRUPO DE COMUNICAÇÃO E ESCREVA COM A GENTE ESTE JORNAL

GRUPO DE COMUNICAÇÃO:

CLÁUDIA ALVES, FRANCISCO (NEGÃO), IZOLINA IZAÍAS, JÚLIO SALGADO, KEILA VARDELE, WLIANE TETE, VANESSA ISAÍAS, VERA LÚCIA DA PAIXÃO E ZEZINHO CAFÉ.

FOTOS:

REINALDO SANTOS, FUNDAÇÃO RENOVA, COLETIVO É!

REVISÃO:

TUCHA

TIRAGEM:

1.500 EXEMPLARES

AS OPINIÕES EXPRESSAS NESSE JORNAL, POR PARTE DE ENTREVISTADOS E ARTICULISTAS, **NÃO EXPRESSAM** NECESSARIAMENTE A VISÃO DA FUNDAÇÃO EM RELAÇÃO AOS TEMAS ABORDADOS, SENDO, PORTANTO, DE **RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES**.

JOVENS PARTICIPAM DA ESCOLA DE FUTEBOL DO AMÉRICA

A meninada que gosta de bater uma bola em Mariana pode aprender mais sobre o esporte e, quem sabe, dar o grande passo para ser um jogador profissional. É que, desde agosto, o América Futebol Clube está na cidade com um projeto social patrocinado pela Salum Construções Ltda. A empresa está fazendo as obras de contenção de rejeito nas barragens de Fundão e Nova Santarém.

As aulas são gratuitas e acontecem de segunda a quinta-feira nos campos do Guarany e do Olímpic para 150 meninos e meninas entre sete e 15 anos. Eles participam de aulas que procuram desenvolver a técnica e as capacidades física e motora, respeitando o ritmo e as habilidades de cada um.

Para Eloi José de Assis, consultor das escolas do América, “o trabalho é social, para integrar e inserir crianças e adolescentes no esporte por meio da educação. Se houver um menino talentoso e a família concordar, ele poderá entrar na equipe de base do América”, afirma.

CRAQUES NA ESCOLA

As aulas têm o apoio da Fundação Renova e da Prefeitura de Mariana, que seleciona os jovens para o projeto com o apoio das escolas municipais de Bento Rodrigues e de Paracatu de Baixo. Há vagas também para as escolas Wilson Pimenta Ferreira e Padre Avelar.

A seleção leva em conta o bom desempenho escolar e o potencial de quem só precisava de um empurrãozinho para estudar mais. Mas não pode haver indisciplina no gramado, nem na escola. Para ficar nos treinos e ser um craque de verdade, os jovens têm que marcar um golaço nas notas e não podem faltar na escola

e nos treinos. A Fundação oferece lanches antes dos exercícios. A empolgação é grande. Olha só o que alguns participantes estão comentando:

FALA AÍ GALERA!



“Gosto muito dos treinos coletivos, que é quando a gente joga o tempo todo. Sou volante e estou achando muito divertido”.

Bryan Junior do Nascimento, 12 anos - Bento Rodrigues

“Desde pequeno sonho em ser jogador e nos treinos a gente vai aprendendo e melhorando cada vez mais”.

Hugo Henrique Gonçalves, 15 anos - Paracatu de Baixo

“Tudo no futebol me encanta: a parceria, a interação com as pessoas. Achava que era só chutar a bola, mas tem muita regra e comportamento”.

Luísa Gonçalves Marcelino, 14 anos - Paracatu de Baixo



Treino da categoria Sub13 no Campo do Guarany

COMUNIDADE APROVA PROJETO URBANÍSTICO DE PARACATU DE BAIXO

Foi com alívio que os atingidos de Paracatu de Baixo viram o resultado da votação do projeto de reassentamento da comunidade. Em assembleia realizada no dia 13 de setembro, de um total de 98 votos válidos, 95 concordaram com a proposta, uma aprovação de 97% das famílias presentes.

“Pressentia que o projeto seria aprovado na primeira votação porque são quase três anos de espera ansiosa pelo retorno para casa”, diz Angélica Peixoto, professora da comunidade e integrante do G20.

O novo subdistrito vai ocupar 90 dos 390 hectares do terreno da Lucila, uma área igual a 83 campos de futebol. O desenho começou a ser elaborado em janeiro de 2017 e passou por muitas mudanças feitas pela Renova em conjunto com a Comissão de Atingidos e sua Assessoria Técnica, para ficar o mais parecido possível com a antiga Paracatu de Baixo.

OFICINAS

A participação da comunidade foi intensa. Nas oficinas realizadas em maio e junho deste ano, uma média de 110

famílias falou sobre o tamanho e o limite dos seus terrenos, a distribuição das ruas e das quadras, a localização dos espaços coletivos, o uso da água e da terra, entre outros temas.

De acordo com Angélica, foram grandes os desafios para vencer essa etapa. Muitos termos usados pelos engenheiros – como *masterplan*, arruamento, escala e legenda – eram desconhecidos para os atingidos. A comunidade também não tinha certeza se a quantidade de água disponível atenderia todas as demandas. A Renova apresentou estudos aprofundando essa questão e o abastecimento de água tratada será feito por poços artesianos, atendendo ao consumo das pessoas, quintais e pequenas criações de animais. As propriedades rurais serão atendidas caso a caso, de acordo com a demanda informada na elaboração do projeto urbanístico.

Mas a topografia foi o maior desafio. “O terreno acidentado, com grande declividade e muitas áreas de preservação ambiental, dificultou a organização das ruas e o

desenho dos lotes. Por isso, em alguns momentos, a relação de vizinhança foi alterada”, conta Angélica.

Foi o que aconteceu com Maroca, a Maria da Conceição Gonçalves, de 76 anos. Ela morava na rua Gualaxo e era vizinha da dona Eva e do seu Agostinho. “Tiraram a gente de perto. Achei falta de respeito pela minha idade, mas tenho que me conformar”, desabafa ela que, apesar do descontentamento, votou “sim” pela aprovação. “Meu desejo era voltar para Paracatu velha. Como não deu, quero sair de Mariana e ir pra minha casa, pro lugar que vão construir pra mim”.

PRÓXIMOS PASSOS

Os pedidos que surgiram nas oficinas e eram viáveis foram acolhidos e incluídos no projeto aprovado pela comunidade. Mas a aprovação não significa descanso. “Só uma etapa foi concluída. Ainda temos um longo caminho pela frente. O projeto aprovado é o início de novos desafios”, explica Angélica.

A Prefeitura e a Câmara dos Vereadores de Mariana estão trabalhando para alterar o Plano Diretor do município e permitir o uso e a ocupação do solo, bem como a divisão do terreno em lotes. Isso é feito por meio de audiência pública e da votação de um

projeto de lei que transforma a área do reassentamento, que é rural, numa área de diretrizes especiais que terá regras específicas de ocupação do solo para Paracatu de Baixo.

Com a aprovação do projeto urbanístico, a equipe de engenharia da Fundação

Renova começou o detalhamento do desenho, etapa necessária para obter a licença ambiental junto à Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Mariana, com participação de órgãos estaduais. Para iniciar as obras também será preciso obter o alvará de urbanização da Secretaria Municipal de Obras e Gestão Urbana de Mariana.



PROJETO DO REASSENTAMENTO DE PARACATU DE BAIXO

Legenda:

- 1 Acesso principal
- 2 Rua Gualaxo
- 3 Rua Santo Antônio
- 4 Rua Monsenhor Horta
- 5 Rua Furquim
- 6 Rua São Caetano
- 7 Escola infantil
- 8 Praça Santo Antônio
- 9 Campo e quadra
- 10 Igreja Santo Antônio

Áreas disponíveis:

- 11 Cemitério
- 12 Estação de Tratamento de Esgoto
- 13 Reservatório de Água

HISTÓRIAS DE PARACATU DE BAIXO

Na última edição, o Voz da Comunidade ouviu histórias dos moradores de Bento Rodrigues. Dessa vez, você vai conhecer um pouco mais sobre dois atingidos de Paracatu de Baixo e o que eles têm a contar sobre a vida que tinham na comunidade.

RAINHA DAS RIMAS

Maria do Carmo Pereira Ramos é apaixonada pela escrita. Criança sem infância, desde cedo ajudou os pais na lida do campo. Entre a enxada e a foice, o tempo ficava mais feliz quando ela estudava. Tinha gosto pelas palavras e foi por meio delas que encontrou refúgio para seus sentimentos.

Em um caderno xadrez, começou a registrar histórias para ficarem na memória. Em um caderno amarelo, escreveu poesias sobre tudo que a emocionava: a escola, a morte da mãe, as professoras e, recentemente, sobre o rompimento da barragem. “Me sinto

melhor quando escrevo. As palavras surgem e as frases vão rimando. Abrem o coração da gente”, diz ela.

Falar sobre Paracatu de Baixo ainda dói no peito de Maria, que traduziu esse sentimento nos versos:

**“Com tristeza no coração
deixamos nosso lugar
onde criamos nossos filhos
e a saudade vai ficar”.**

Mas ela não perde a esperança de escrever versos mais doces. Este ano, vai tentar realizar o sonho de estudar Letras. Que as palavras nunca lhe faltem, dona Maria.



Maria do Carmo é apaixonada pelas palavras

Foto: Coletivo E!



Foto: Coletivo E!

Machadão mostra sua casa e bar antes e depois da lama

ROCK NO CASTELO DE PEDRA

Foi carregando muita pedra em garupa de moto que Arlindo Luciano da Silva construiu seu maior tesouro: o Skol Bar do Machadão, como ele era chamado. O local, sua residência e bar, foi erguido pedra sobre pedra e o visual lembrava um castelo, chamando a atenção.

Machadão conta que a história começou porque ele estava desempregado e queria fazer algo diferente. Construiu os muros, depois as paredes, os banheiros e os lavatórios. “Quebrei três motos de tanto

puxar pedra e levei oito anos para terminar”, conta o dono do imóvel.

O bar abria suas portas nos fins de semana, mas era em junho, no mês de aniversário do dono, que várias bandas e fãs de rock se reuniam para comemorar. Cerca de 140 pessoas participaram da última festa, em 2015.

Meses depois, o que restou foi parte da estrutura, muitas memórias e algumas fotografias. No futuro, Machadão planeja construir outro Skol Bar em Monsenhor Horta. “A intenção é levantar algo ainda mais diferente”, comenta, sem dar detalhes. É segredo guardado a sete chaves.

TRÊS ANOS DO ROMPIMENTO: O OLHAR DOS MAIS VELHOS

Para quem já viveu mais tempo, as perdas parecem doer além da conta e isso não é diferente com a passagem dos três anos do rompimento de Fundão.

A vinda para Mariana mudou a vida de muita gente e os idosos, assim como as crianças, vêm sofrendo bastante com o impacto da nova realidade.

No caso dos idosos, o que era conhecido e querido ficou para trás: o contato com a terra, a criação dos animais, o fogão a lenha, o trabalho na roça e o convívio com os companheiros e as companheiras.

Cada um deles tem enfrentado esse cenário de um jeito diferente. Uns não colocam os pés fora de casa e dizem que não viverão para ver o retorno da comunidade para casa. Outros se constrangem com o preconceito dos marianenses e muitos ficam tristes por lembrar de um tempo que não volta mais.

Mas há quem está tentando recomeçar e busca seus direitos, criando um novo significado para a espera. Desses, alguns voltaram a trabalhar na roça ou decidiram terminar os estudos. Outros abraçaram o reassentamento como

causa e lideram a defesa dos interesses coletivos.

Um grupo de terceira idade se reúne todo mês para dançar e tocar instrumentos musicais, participar de encontros e viagens, plantar e trocar mudas na horta comunitária - que completou seu primeiro aniversário em outubro -, entre outras atividades apoiadas pela Fundação Renova para resgatar o vínculo entre as pessoas e os fazeres locais.

"A gente não pode é dar espaço pra tristeza", diz dona Conceição das Graças, uma das participantes.

O OLHAR DAS CRIANÇAS



Ilustração: Aixel Carvalho



Plantio em horta comunitária retoma parte da rotina da comunidade



Criança tem inocência no sorriso e, claro, a liberdade de sonhar. Criança corre, brinca e é feliz sem se preocupar com o amanhã. Quando a lama passou por Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, as crianças também tiveram perdas.

No dia seguinte ao rompimento, depois de saírem às pressas e deixar tudo para trás, elas não tinham mais para onde voltar.

Mas não foi só isso. Sabe a expressão "fui nascido e criado na roça", que muita gente fala com orgulho? A infância passa com rapidez e não volta mais.

Três anos já se foram e é com simplicidade e saudade que elas se lembram do que era importante.

O Voz da Comunidade conversou com meninos e meninas de 7 e 12 anos sobre como eles viviam e o que

mais gostavam: brincar de pique na rua, jogar bola no campinho depois do dever de casa, andar a cavalo com o avô e os primos, morar coladinho com o resto da família, nadar na cachoeira, pescar no rio, andar de bicicleta com as irmãs de leite, ter espaço pra correr, subir em árvore, pegar fruta, brincar com os cachorros e as galinhas no terreiro. A felicidade era se divertir.

Quando foram transferidos para Mariana, o cenário mudou completamente. Carros, barulho, gente desconhecida e pouco espaço. Desacostumadas com a cidade, as crianças ficaram presas em casa e a escola é hoje um dos poucos espaços de socialização. Longe de amigos e familiares, elas pararam de brincar na rua e só saem acompanhadas ou a pedido dos pais ou responsáveis. Tudo ficou mais chato. Mas, mesmo amuadas, elas tentam se adaptar à nova realidade.

E o que elas acham da comunidade onde vão morar? Paradas, de olhos fechados, pensam um pouco e sorriem. Todas respondem a mesma coisa: que tudo seja como antes e que voltem a brincar como estavam acostumadas – livres, leves e soltas.

O QUE AS CRIANÇAS DISSERAM

“Lá tinha mais espaço pra brincar”.

“Brincava com o cachorro e fazia doce de abóbora”.

“Buscava cavalo no mato com meus primos”.

“Não tenho mais a liberdade que tinha antes”.

“Eu já queria estar em Paracatu. Lá vai ser tão lindo”.

“Aqui tem muito carro passando e não consigo dormir por causa do barulho”.

“Não aguentava ficar dentro de casa. Eu fugia para a casa da vó”.

“Tenho saudade das galinhas e de jogar futebol na rua”.

“Sinto saudade do meu cachorrinho”.

CONVITE ESPECIAL

Para marcar os três anos de rompimento da barragem, a Escola Municipal Bento Rodrigues vai trabalhar as expectativas das crianças e dos adolescentes sobre como brincar e se divertir.

Elas vão apresentar um espetáculo musical bem alegre, baseado nas obras do Sítio do Pica-Pau Amarelo, de Monteiro Lobato, e em poemas de Cecília de Meireles e de Elias José, grandes escritores brasileiros. Além disso, vão mostrar paródias de poesias de Vinicius de Moraes e um cordel sobre a história da comunidade. Venha prestigiar!

Local: Centro Cultural SESIMINAS Mariana - Rua Frei Durão 22

Data: 4 de novembro Horário: 16 horas Entrada: R\$5*

**Os ingressos podem ser adquiridos na secretaria da escola.*

A entrada será revertida em material escolar para a comunidade da Figueira.

A LENDA DAS SETE PALMEIRAS

Quando Marinalva dos Santos Salgado era pequena, frequentava a casa de dona Dercira, uma senhora descendente de escravos que lhe contava muitas histórias sobre Bento Rodrigues. Uma de suas favoritas era sobre as sete palmeiras imperiais que, durante muito tempo, embelezaram praça São Bento. Rezava a lenda que, enquanto as palmeiras permanecessem vivas, o vilarejo existiria. Naquela época, há cerca de 50 anos, três delas ainda persistiam ao tempo, mas foram morrendo uma a uma, sem que ninguém se importasse muito com as consequências.

Mesmo após 2013, quando a última árvore veio abaixo e nada de pavoroso ocorreu, a lenda foi vista apenas como uma história para assustar crianças. Foi aí que, dois anos depois, a barragem de Fundão se rompeu e a sina de Bento Rodrigues foi cumprida. “Eu não acreditava em nada disso e vi o que aconteceu. Hoje a gente pensa: será que a história da Dercira era verdade?

Acho que sim”, diz Marinalva.



ERRATA

No editorial da última edição, erramos ao divulgar informações sobre a Ouvidoria. A Fundação Renova possui diferentes canais para ouvir e atender a sociedade. A Central 0800 (0800 031 2303), por exemplo, é um dos canais pelo qual os atingidos podem fazer solicitações, esclarecer dúvidas, fazer reclamações e dar sugestões sobre os programas realizados nos territórios. Porém, quando o contato se trata de uma denúncia, o certo é procurar a Ouvidoria.

Exemplos de denúncias envolvendo as atividades da Fundação Renova:

- *Irregularidades nos processos de cadastro, indenização e auxílio*

financeiro ou atividades dos demais programas da Fundação Renova;

- *Suspeitas de fraudes ou atos de má intenção por pessoas ou entidades com o objetivo de obter vantagens indevidas junto à Fundação Renova;*
- *Impactos negativos aos direitos humanos decorrentes das atividades desenvolvidas pela Fundação;*
- *Outras denúncias sobre desvios de conduta e descumprimento de obrigações da Fundação Renova.*

A Ouvidoria está ligada ao Conselho Curador e atua conforme o Código de Conduta, documento que estabelece regras para orientar a forma como os empregados e fornecedores da Renova trabalham.

Além disso, assegura que todas as denúncias serão registradas, apuradas e respondidas. O contato pode ser registrado de forma identificada ou anônima, garantindo confidencialidade ao processo e o respeito à privacidade de quem denuncia.

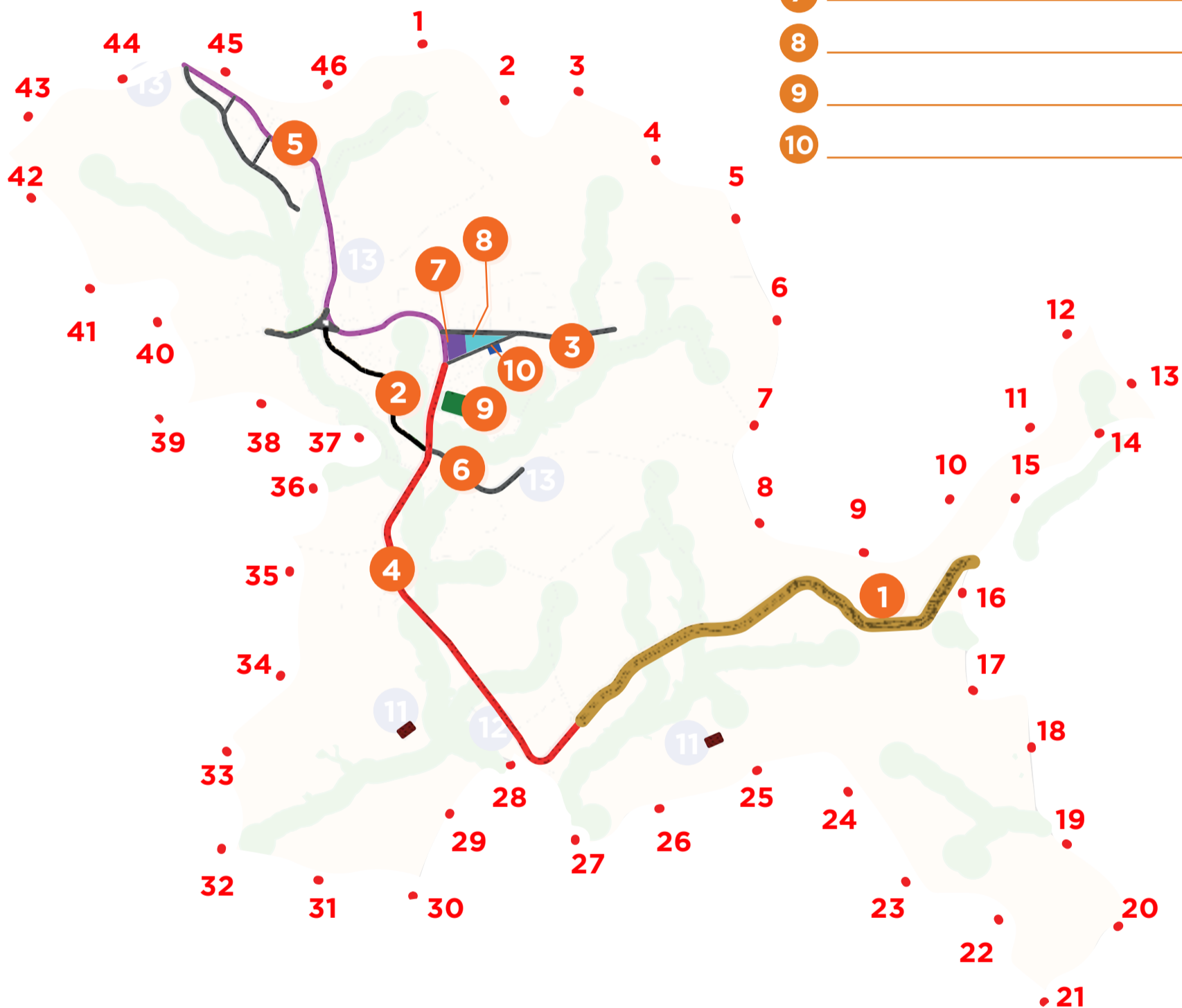
A pessoa recebe um número de protocolo e assim pode encaminhar informações adicionais e acompanhar o andamento da apuração.

As denúncias podem ser registradas pelo e-mail ouvidoria@fundacaorenova.org, pelo **0800 721 0717** ou site www.canalconfidencial.com.br/fundacaorenova.

LIGUE OS PONTOS

Você está por dentro do projeto de Paracatu de Baixo? Então complete o contorno do mapa, escreva os nomes das ruas e identifique os principais locais da comunidade. Se tiver dúvida, consulte o mapa da **página 5** ou peça a ajuda de alguém da sua família.

- 1 _____
- 2 _____
- 3 _____
- 4 _____
- 5 _____
- 6 _____
- 7 _____
- 8 _____
- 9 _____
- 10 _____



FALE COM A GENTE



0800 031 2303



fundacaorenova.org/fale-conosco



youtube.com/fundacaorenova



Rua Dom Viçoso, 236/242
Centro | Mariana



instagram.com/fundacaorenova



facebook.com/fundacaorenova



faleconosco@fundacaorenova.org

ouvidoria@fundacaorenova.org